

Histórias de quem ajudou a fazer a cidade

Projeto Brasília — 40 anos vai contar a história da capital a partir das pessoas comuns que mudaram de vida no Planalto

Marcello Xavier
Da equipe do **Correio**

A história de Brasília vai ser contada a partir da vida e das impressões das pessoas que vieram para a nova capital em busca de um sonho. Para resgatar esta história foi lançado o projeto *Brasília — 40 anos*, iniciativa do **Correio Brasileiro** e **TV Brasília**, os dois veículos de comunicação que nasceram no dia da inauguração da cidade.

O programa *Brasília: Presente e Futuro* vai se concentrar nos debates, mesas-redondas, estudos técnicos, pesquisas e consultas. *Brasília — 40 anos* vai contar a história de pioneiros, gente comum, simples, que veio construir a nova capital da República. De gente que deixou familiares e viu a cidade nascer e crescer no meio do cerrado ermo. Histórias como a de Clareci dos Santos Siqueira, 58 anos, uma das primeiras a contar sua história para o projeto.

A carioca Clareci trocou o Rio de Janeiro por Brasília no dia 6 de maio de 1960. Grávida do terceiro filho, ela chegou com o marido Alcibiades, hoje com 73 anos, que veio tentar a vida na futura capital do país. A família gastou sete dias de viagem de trem até Anápolis onde se instalou por um mês na pensão de Dona Sinhá.

Inicialmente, Alcibiades deixou a mulher e os dois filhos em Anápolis e foi morar na a Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, onde conseguiu emprego na Guarda Especial de Brasília, a GEB. As dificuldades de comunicação eram tantas que o casal passou 30 dias sem se falar. As cartas para Clareci nunca chegaram. "Tive que vender jóias para comprar comida para os filhos nesse período", lembra.

Desesperada, mas com muita fé — como costuma dizer — arrumou as malas e seguiu com os filhos para endereço incerto na então Cidade Livre. Ela estava angustiada com a ausência do marido. Com a ajuda de um amigo que trabalhava na polícia conseguiu localizar Alcibiades depois de cinco dias de busca.

A família viveu pouco mais de 12 meses na Cidade Livre em um barraco de duratex com 9 metros quadrados. As dificuldades são lembradas hoje com sorrisos e até saudades, mesmo sabendo da vida difícil daquela época. Os constantes incêndios — quatro a cinco por semana — queimavam quarteirões inteiros e atemorizavam Clareci. Por sorte, o seu barraco sempre escapou.

Clareci lembra que corria à boca pequena na Cidade Livre que os incêndios eram propositais. Seriam uma reação das pessoas que eram contrárias à construção de Brasília. "Havia alguma coisa assim", conta.

A água consumida pela família era comprada ou coletada na Vila dos Carroceiros ou num córrego perto do acampamento da Novacap. Clareci era obrigada a seguir a pé do barraco onde a família morava, próximo das placas da Mercedes, até a água e voltar com as latas d'água.

Ela lembra que muitas vezes esperava as prostitutas lavarem suas roupas para poder pegar água. Para não ser confundida com alguma delas, estava sempre acompanhada de algum vizinho ou das crianças.

Se água era difícil ônibus urbano, então, era uma raridade. Só havia lo-

tações. As compras de casa eram feitas num supermercado de madeira — como a esmagadora maioria das edificações — que vendia fiado para os servidores da polícia. "O fiado fazia parte da cultura local", lembra. Até hoje, ela guarda algumas notas de compras. A comida de casa — o prato principal era carne de sol, já que não havia geladeira — era cozida em um fogão Jacaré, com uma única "boca".

Das noites frias e da poeira da Cidade Livre, Clareci tem saudades dos amigos, das inúmeras feiras livres, da hospitalidade e solidariedade das pessoas, apesar das constantes brigas entre alguns vizinhos. "Era a Brasília dos grandes sonhos", diz.

Pouco antes da remoção da Cidade Livre, a pioneira mudou-se com a família — que aumentava — para Taguatinga, em 1961, e posteriormente para o Cruzeiro, em 64, onde vive até hoje. De Taguatinga, lembra com carinho as histórias contadas sobre a "Curva da Onça", perto da Farmácia Virgem da Vitória. Reza a lenda que uma onça atacava à noite os passageiros que desciam naquela parada.

Sobre a remoção da Cidade Livre, Clareci conta que houve muita rejeição. Ela lembra a luta dos comerciantes

para não serem levados para a Asa Norte, chamada de *Asa Morte Solidão*. "Ninguém queria ir", lembra ela. Entre tantas recordações de Brasília, a carioca guarda com orgulho e satisfação fotografias da recepção à Seleção Brasileira de Futebol, tricampeã mundial em 1970. Clareci e Alcibiades guardam alguns objetos que fazem parte da história pessoal da família, incluindo o cacete usado pelo marido quando trabalhava na GEB — o Grupamento Especial de Brasília. Naquela época era uma das poucas "armas" usadas pela polícia, que mais tarde ficaria conhecida por histórias de violência.

Clareci tem sete filhos — duas mulheres e cinco homens — e sete netos e não tem dúvida: afirma que faria tudo outra vez. Presa às recordações do passado, mas de olho no futuro, ela vê com preocupação a situação econômica que passa o país, com reflexos em Brasília. Porém, ela tem fé e esperança que dias melhores virão. "Uma das piores coisas é o desemprego. A capital da esperança é hoje a capital da realidade", diz.



Brasília
Correio Brasileiro
TV Brasília 40 anos

Acácio Pinheiro



Clareci Siqueira é uma das primeiras brasilienses a registrar sua história para o projeto Brasília — 40 anos